



## A Pantera Loura e o fazer historiográfico: o uso do objeto-fonte histórias em quadrinhos para a síntese crítica teórico-metodológica

*The pantera bionda and the historiographical making: the use of the source-object comic books for critical theoretical-methodological synthesis*

*La pantera rubia y la historiografía: el uso del objeto fuente del cómic para una síntesis teórica y metodológica crítica*

Savio Queiroz Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho faz uso da personagem de histórias em quadrinhos chamada Pantera Loura para exemplificar o fazer historiográfico abarcado teórica e metodologicamente. Propõe um debate crítico sobre os usos das histórias em quadrinhos como objetos do passado e fontes históricas e as importantes inferências de teorias e metodologias na sua prática. Perpassa os caminhos experimentados pela própria historiografia, com destaque às transformações promovidas pela Escola dos Annales, para que tal tipologia narrativa de entretenimento migrasse de produto de consumo fútil para possibilidade analítica de representações, imaginários e discursos produzidos e consumidos pelo passado. O trabalho faz uso de procedimento didático sobre a aplicação de teorias e metodologias para a contemplação de uma produção coesa e crítica que possamos assegurar enquanto narrativa historiográfica. Responde às imprecisões discursivas produzidas sobre a condição dialética objeto-fonte como legitimadora de narrativa carente da condição dialética teoria-metodologia. Faz-se enquanto contribuição crítica à historiografia das histórias em quadrinhos.

**Palavras-Chave:** Historiografia. Objeto-Fonte. Teoria-Metodologia. Histórias em quadrinhos. Pantera Loura.

**Abstract:** The paper makes use of the comic book character named Pantera Bionda to exemplify the historiographical making embraced theoretically and methodologically. It proposes a critical debate about the uses of comics as objects of the past and historical sources and the important inferences of theories and methodologies in its practice. It goes through the paths experienced by historiography itself, with emphasis on the transformations promoted by the Annales School, so that this type of narrative entertainment migrated from a futile consumer product to an analytical possibility of representations, imaginaries and discourses produced and consumed by the past. The work makes use of a didactic procedure on the application of theories and methodologies for the contemplation of a cohesive and critical production that we can assure as a historiographical narrative. It responds to the discursive inaccuracies produced about the dialectical condition object-source as a legitimizer of a narrative lacking the dialectical condition theory-methodology. It does so as a critical contribution to the historiography of comics.

**Keywords:** Historiography. Source-Object. Theory-Methodology. Comics. Pantera Bionda.

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. savio\_roz@yahoo.com.br; ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2259154509625498>; ORCID iD: 0000-0003-1167-5639.



**Resumen:** El trabajo hace uso del personaje del cómic llamado Pantera Rubia para ejemplificar el hacer historiográfico abrazado teórica y metodológicamente. Propone un debate crítico sobre los usos del cómic como objeto del pasado y fuente histórica y las importantes inferencias de teorías y metodologías en su práctica. Recorre los caminos experimentados por la propia historiografía, con énfasis en las transformaciones promovidas por la Escuela de los Annales, para que dicha tipología de entretenimiento narrativo migrara de fútil producto de consumo a posibilidad analítica de representaciones, imaginarios y discursos producidos y consumidos por el pasado. El trabajo hace uso de un procedimiento didáctico sobre la aplicación de teorías y metodologías para la contemplación de una producción cohesionada y crítica que podemos asegurar como narrativa historiográfica. Responde a las imprecisiones discursivas producidas sobre la condición dialéctica objeto-fuente como legitimadora de la narrativa carente de la condición dialéctica teoría-metodología. Realiza-se como aportación crítica a la historiografía del cómic.

**Palabras-clave:** Historiografía. Objeto Fuente. Teoría-Metodología. Comic. Pantera Rubia.

---

**Recebido em:** xx de xxx de 20..

**Aceito em:** xx de xx de 20..

---

## Introdução

As histórias em quadrinhos já são usadas como fontes para investigações acadêmicas a considerável tempo. Ainda que alguns campos as recebam com certa naturalidade, outros só puderam fazê-lo através de mudanças próprias de paradigmas instrumentais e conceituais (LIMA, 214; LIMA, 2015). Com a expansão de suas influências, principalmente pela formação de uma indústria mais sólida e portentosa, alguns holofotes públicos se viraram para o que a academia estava, até então, produzindo.

Sobreviventes de diversas experimentações metodológicas e teóricas, as histórias em quadrinhos se consagram a tempos firmes como fontes históricas. O campo da História não as tem por novidade, ainda que seus exercícios tenham, de certo modo, adentrado o experimental no que diz respeito às teorias e metodologias. As próprias historicidades do campo científico, as crises, os confrontos e aperfeiçoamentos dentre os paradigmas historiográficos, convocaram ampliações nas listagens de fontes e de instrumentos atualizados e interdisciplinaridades que asseguram a eleição das histórias em quadrinhos enquanto objetos e fontes do passado (BARROS, 2017, LUCA, 2020). Mas isso não basta, exigindo à pessoa historiadora a aplicação de teorias e metodologias construídas e elaboradas pelos esforços de profissionais do próprio campo e de interferências de produtores de conhecimentos de outras áreas.



O artigo propõe uma crítica pontual aos conceitos elegidos em um debate público e que podem ser úteis para a inserção das histórias em quadrinhos na pesquisa em História. Desta forma, apresenta o debate historiográfico sobre os conceitos e faz as aplicações práticas dos mesmos em um exercício observável de investigação de narrativa recortada e os pontos críticos a serem tratados. A personagem-produto Pantera Loura, de histórias em quadrinhos italianas entre os anos 1940 e 1950, publicada no Brasil a partir de 1950 pela editora Abril, é a escolha de recorte para o exercício teórico-metodológico exemplificador do processo de escrita científica da narrativa histórica que objetiva produzir a crítica ao empobrecimento discursivo. Esse empobrecimento é devido à estagnação diante da análise da fonte, ancorando a segurança de seu uso e a legitimidade já ofertada pelo campo, sem arriscar esforços intelectuais.

A Pantera Loura centraliza entrecruzamentos diversos, de natureza visual, discursiva ou representativa, úteis para o exercício proposto e a demanda crítica. Gênero e sexualidade instrumentalizam os parâmetros sobre erotização para compreender os vestígios produzidos pelo imaginário social e pela memória entre seu espaço sociocultural de produção na Itália e seu espaço sociocultural de consumo no Brasil. Tratando, deste modo, dos discursos de validação de narrativas através de um debate que se centraliza com imprecisão na invocação das dinâmicas de objeto-fonte e teoria-metodologia.

### **Velhos quadrinhos da Nova História**

Como parte de uma rede de pesquisadores de histórias em quadrinhos no campo da História, acompanhei um debate público sobre tal fonte e a historiografia. Uma dada narrativa comercial fora criticada por se valer da insígnia de “História”, ou mais pontualmente de “livro teórico”, ainda que não viesse com métodos ou diálogos com o meio, causando ressentido descontentamento de seus produtores. As discussões foram sobre autoridade e legitimidade, que apenas se fizeram por menosprezar leis sociais específicas do campo científico para a sua autonomia (BOURDIEU, 2004, p. 20), sem abrir mão das benesses socialmente valorativas da insígnia científica.

O debate, entretanto, permite-nos pensar como há um valor social sobre a legitimação de dada narrativa como historiográfica. O confuso câmbio entre capital social de mercado e capital social científico foi feito através de bandeiras levantadas nas dialéticas expressadas entre teoria-metodologia (apontada como ausente, pela crítica) e entre objeto-fonte (invocada



pelos criticados como eixo legitimador). Em algumas dessas discussões, que não valem ser trazidas por não se firmarem enquanto fontes interessantes para esta investigação<sup>2</sup>, ocorreram desvios discursivos no que diz respeito às relações das histórias em quadrinhos com a historiografia. Eles traduzem, indiretamente e indigestamente, que não é possível “liquidar um argumento científico com um argumento político” (CHARTIER; BOURDIEU, 2011, p. 37), e a isso convém reordenar os discursos, quer críticos ou mesmo suas defesas.

Entre interferências e chiados, a disputa centrou-se nas validades historiográficas de certa volumosa narrativa comercial, produto de uma indústria editorial. Assumida, essa indústria, aos discursos de valor que tecem sobre seus produtos, à medida que deles é revestida uma aura de cientificidade, mas que dispensa os seus mecanismos e despreza as críticas feitas pelos produtores de conhecimento. Desigual aos campos que se propõe, já que para a historiografia, “toda interpretação deve ser argumentada e sua verdade é provada pela dificuldade de ser refutada” (PROST, 2003, p. 298). Narrativas meramente descritivas e anedóticas, sem aprofundamento crítico, podem ocupar imensidões de laudas e ainda assim, mesmo tratando do tempo (da passagem do tempo através de datas e eventos, vulgarmente), não serem eficientes enquanto produções historiográficas, tanto pela ausência de criticidade quanto pela ausência de métodos seguros e teorizações coerentes, já há muito em constante debate e aperfeiçoamento.

Mais produtivo que querelas públicas embebecidas de rusgas pessoais, é mais erudito, didático e cirúrgico focar nas questões problemáticas levantadas. Proposital ou derivado de imaturidade intelectual, ocorre o desvio do foco da relação dialética entre o eixo conceitual de objeto e fonte possíveis às histórias em quadrinhos para, deste modo, ignorar a realidade do problema de pesquisa sobre tais suportes midiáticos no outro eixo que é eleito como teoria-metodologia. Os quatro conceitos acabam por ser interpenetrantes entre si (BARROS, 2017, p. 23), ainda que não atuem como sinônimos. Podemos pensar juntos tanto a questão sobre a condição das histórias em quadrinhos enquanto objeto-fonte da História quanto o real problema: a dinâmica condição do eixo teoria-método para a produção historiográfica. A produção historiográfica, mesmo fazendo usos de narrativas ficcionais de produtos em

---

<sup>2</sup> A este ponto, faço a ressalva de que as exposições dos envolvidos sem a análise das discussões em ambientes virtuais, muitas vezes carregadas de paixões e rancores, poderiam desviar o foco de interesse crítico desta argumentação e estimular assédios indesejados. A este ponto, é mais fortuito uma análise posterior das discussões com o devido afastamento temporal, mesmo para uma História do Tempo Presente ou mesmo uma História Imediata.



diversos suportes, como cinema ou histórias em quadrinhos, vai muito além de linearidades narrativas de nomes de atores históricos, eventos históricos e datas correlatas.

A questão de as histórias em quadrinhos serem fontes possíveis da História jaz obsoleta enquanto crise, respiremos aliviados. Para além de narrativas lineares que se valeram do título de “História das Histórias em Quadrinhos”<sup>3</sup>, o próprio campo historiográfico, inclusive, brasileiro, produziu uma malha textual mais sofisticada e atendendo critérios substanciais (LIMA, 2015).

Em 2014, publiquei o artigo *A Abordagem Epistemológica das Histórias em Quadrinhos Enquanto Objeto-Fonte*, no segundo volume dos Anais Congresso Internacional da Faculdade EST, justamente para ofertar a minha contribuição ao debate, mas garantindo que novos pesquisadores já não tateiem numa escuridão desnecessária. Obviamente, não se esgotam as possibilidades de análises da condição de objeto-fonte das histórias em quadrinhos, mas já se superam tendências críticas de acusarem sua ausência ou assumirem seu ineditismo, dois grandes perigos. Partindo disso, é frutífera a sua continuidade expansiva, sem refreamentos que caduquem sua legitimação. E ainda que eu faça uso de uma linguagem condizente com as expectativas do *New Journalism*, tão interessante às propostas de inserção ao debate público, empobrecida de criticidade, ela não tem fundamentação de ser proferida com êxito sob a alcunha de “História”.

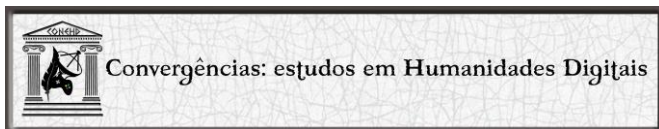
Mas convém exemplificar tais questões fazendo uso justamente de um conjunto seletivo de histórias em quadrinhos dentro do fazer historiográfico. Também não há ineditismo nesta operação, já bastante presente no meio acadêmico, mas com tratamentos metodológicos diversos e abordagens teóricas múltiplas. A fonte, no caso a história em quadrinhos a ser analisada, é o “conjunto selecionado e utilizado pelo investigador” (LUCA, 2020, p. 36), e que exige específicos procedimentos técnicos para que se possa tirar o máximo proveito no processo investigativo, o que chamamos de metodologia (BARROS, 2017, p. 36). Para sustentar-se, o trato historiográfico conforma-se que “a efetivação teórica ganha, no paralelo com a prática, amplitude e profundidade” (RÜSEN, 2001, p. 26).

Escolhemos a fonte com a coerência da problemática nela envolta, atuando com inteligência e criticidade para produzir algo potente, útil e não meramente acumulativo de uma “realidade dada por inteiro na documentação” (BARROS, 2017, p. 60), tão comum ao

---

<sup>3</sup> Além do título do livro do Álvaro de Moya, *História das Histórias em Quadrinhos*, de 1987, essa pretensão vem no trecho organizado por Goida (Hiron Cardoso Goidanich), *Pequena História das Histórias em Quadrinhos*, do livro *Enciclopédia dos Quadrinhos*, de 1990, contextualizando narrativas e fatos, demonstrando a compreensão da História como um processo de registro factual de dados imutáveis.





superado tecnicismo positivista (PESAVENTO, 2004, p. 45). Ainda que mesmo esses paradigmas historiográficos dos séculos XVIII e XIX tenham sido muito mais que a mera reunião de fontes e narração de eventos (BURKE, 1992, p. 11-12).

Sem tal inocência, a primeira ação à pesquisa historiográfica é o acesso e trato da fonte primária a ser condicionada em fonte histórica. O recorte escolhido para o exercício é da personagem Pantera Loura, publicada originalmente na Itália e trazida ao Brasil na revista *Raio Vermelho* pela editora Primavera (futuramente editora Abril) no auge da disputa de mercado, em 1950 (LIMA, 2022, p. 351). A personagem é uma tarzanide<sup>4</sup>(LIMA, 2019, p. 52), categoria arquetípica de personagens brancos protagonizando aventuras em ambientações selvagens e com superioridade às populações e grupos nativos da África, Ásia e/ou América. Originalmente, *La Pantera Bionda*, criada por Gian Giacomo Dalmaso e Enzo “Ingam” Magni em 1948 para compor a revista *La Jungla* (GOIDANICH; KLEINERT, 2011, p. 295), com forte inspiração na personagem estadunidense *Sheena – Queen of the Jungle*, de Will Eisner e Jerry Iger<sup>5</sup>. Ambas jovens mulheres loiras, em vestes reduzidas, feitas de peles de animais, preferencialmente leopardos, confundem-se facilmente<sup>6</sup>, entre seios arrebitados e coxas torneadas.

Desde a estreia da revista *Raio Vermelho*, no Brasil, de vestido de onça na capa inaugural, Pantera Loura esteve presente, principalmente nas primeiras edições<sup>7</sup>. Na narrativa ficcional, a protagonista, uma garota branca ocidental criada por uma chinesa, vive suas aventuras entre regiões florestais da ilha de Bornéu e de outras do arquipélago de Sonda, enfrentando a natureza hostil e homens, tanto criminosos quanto soldados japoneses, no Pós-Segunda Guerra Mundial. O objeto-fonte eleito já nos permite contemplar representações e ideologias condizentes com seu contexto histórico ocidental, ofertando um cenário político para os antagonismos, a herança de inferiorização da duradoura colonialidade, através de um “universalismo eurocêntrico excludente” (LANDER, 2005, p. 29) tão comum às personagens tarzanides. Sem pensar essas interferências através de instrumentos teóricos-metodológicos, naufragaríamos na frágil narrativa descritiva empobrecida de análise historiográfica e, igualmente pertinente, crítica.

<sup>4</sup> Palavra-Conceito derivada de Tarzan, personagem clássico da ficção, por conter características formadoras do arquetipo do ocidental superior vivente em experiência colonizadora.

<sup>5</sup> Publicada pela primeira vez na edição de número 46 da revista *Wags*, em 1938.

<sup>6</sup> São tão parecidas que enganou os habilidosos olhos da pesquisadora Selma Regina Nunes (OLIVEIRA, 2007, p. 34), ou mesmo os editores em outros registros.

<sup>7</sup> Por praticamente 16 edições ela foi publicada, havendo retornos cada vez mais sortidos nas edições seguintes.



Neste ponto, por já termos os dados necessários sobre a fonte, devidamente entendida como possível ao trato historiográfico, é necessário fazer escolhas. Tais escolhas são garantidas através do esforço investigativo e crítico, qualificado pelas experiências e trocas nos campos de conhecimentos, que tenham certo “compromisso com as angústias” (LUCA, 2020, p. 64) que se fazem presentes. No caso de nossa narrativa ficcional eleita, é possível inquirir dela as representações históricas de seu contexto, ou mesmo as interferências causadas pelas traduções no processo de transmissão e distribuição entre a Itália e o Brasil, quem sabe até esmiuçar os detalhes narrativos das hierarquias produzidas de classe, raça ou gênero. Escolhas temáticas que fazem o objeto-fonte histórias em quadrinhos se valer para produzir, através de teoria-metodologia, uma eficiente historiografia.

Tomarei um caminho que parece-me mais pertinente em entender como tais vestígios podem ser abordados em busca de uma análise crítica. Através de escolhas, não tomarei seu trato discursivo nesta investigação, ainda que certamente ele oferte uma miríade de detalhes informativos que me privilegiem de entender seu contexto, mas, no caso, darei atenção aos signos da linguagem visual que toma de assalto e seduz em curvas e cores, gerando, ao seu próprio contexto, transformações obedientes ao *status quo*. Partindo de uma abordagem interdisciplinar da leitura da imagem para o campo da História, por meio da compreensão da cultura visual como produtora de sentidos (KNAUSS, 2006, p. 106), as vestes e o corpo da Pantera Loura são analisados em camadas instrumentais de inquirição, através das potencialidades qualitativas do método de PANOFSKY (2007, p. 50). Não é novidade que a teoria da semiótica seja condizente para a compreensão da malha de significados de uma imagem (JOLY, 2007, p. 30), e a isso enriquece a análise que se soma de uma recepção específica.

Figura 1 – Primeira aparição da Pantera na revista Raio Vermelho (1950)



Fonte: Primeira aparição da Pantera Loura na capa da revista *Raio Vermelho*, datada em maio de 1950, publicada pela editora Primavera, de propriedade do empresário Victor Civita. A imagem da personagem já tem as modificações editoriais italianas ao chegar no Brasil, mas mantém seu apelo erótico que garantiu seu sucesso na memória registrada dos que apreciavam o produto na época.

Aspectos da mentalidade do período, devidamente inseridos em seus contextos sociais, culturais, morais e históricos, nos condicionam a entender transformações. Como peças de uma complexa engrenagem que, quando compreendida, produz um domínio maior do conhecimento. Como a representação feminina erotizada da Pantera Loura produz sentido para dado contexto histórico italiano e, por questões de mercado, brasileiro, as memórias mais duradouras são importantes dosadores do apelo visual. Por ser um “fenômeno construído socialmente e individualmente” (POLLAK, 1992, p. 204), a memória condiz não apenas a experiência de indivíduos leitores e consumidores com a personagem-produto como, também, de institucionalidades morais que a cercaram e policiaram os centímetros de suas vestimentas através de valores estéticos públicos de controle da sexualidade pelos discursos do erotismo e da pornografia, tão latentes às produções críticas sobre as histórias em quadrinhos (SOTERO; LIMA, 2017). A Pantera Loura registra valores, expectativas e manejos da representação do corpo feminino, jovem e branco, e de sua figura potente enquanto apelo sexual.





Não há inocência na instrumentalização do erotismo em Pantera Loura, que garantiu boas vendas, mas também o descontentamento do setor conservador italiano. Podemos perceber parte dessa recepção no contexto brasileiro através de registros de memórias bastante interessantes, com filtragens próprias sobre os sentidos. A memória sobre a Pantera Loura, sua singularidade visual, está registrada no romance *Ventania*, do dramaturgo mineiro Alcione (ARAÚJO, 2011), que demonstra fino conhecimento sobre a personagem-produto citada, e em cuja obra é relatada toda a carga erótica que exalavam de suas páginas. Carga esta que, também dentro de uma memória de leitor-consumidor Luiz Antônio Sampaio, expressada no Fórum da revista *QI* de número 127, datada em maio/junho de 2014, descreve a publicação em *Raio Vermelho* como “totalmente censurada”<sup>8</sup>. A tensão é percebida, então, pela presença da representação feminina em Pantera Loura entre os dois pontos separados pelo oceano atlântico e definidos pelas disputas de poder no campo moral das suas respectivas sociedades, através do instrumento acusatório e de negação que é a censura.

E a publicação recebeu mesmo essa censura por conta da afronta visual presente até em suas capas, e isso estava no plano editorial. Houve uma correlação entre a erotização da personagem, que era desenhada por muitas mãos masculinas para conseguir uma imagem sedutora e boas vendas, tão proporcionais que à medida que os grupos italianos de censura forçavam mudanças estéticas, primeiro com uma saia para cobrir o lido como devasso bikini, depois com um vestido mais composto, os lucros declinaram (FOSSATI, 1990, p. 170-171). O produto chegou ao fim em junho de 1950, em seu número 108, sendo já série encerrada na Itália quando foi comprado o direito de publicação no Brasil pela editora Primavera (Abril), vindo já com a devida higienização moral visual em suas vestes.

Entretanto, mesmo com tal higiene, a Pantera Loura não passou despercebida pelo moralismo brasileiro do período. Na edição de número 463 do jornal conservador carioca *Tribuna da Imprensa*, datada de 25 de junho de 1951, há uma matéria de capa e que continua na página 10 de título “O que Leem as Crianças no Brasil”<sup>9</sup>. Uma cena da revista da Pantera Loura é descrita textualmente na matéria, mostrando assombrosa violência tanto no discurso quanto nas ilustrações. Invocam-se os nomes de Roberto Marinho e Adolfo Aizen, editores rivais que disputaram o mercado brasileiro de publicações (LIMA, 2022, p. 349). Relatam com alarde o crescimento das publicações de quadrinhos e suas tiragens. O projeto de

<sup>8</sup> O leitor de Campinas, estado de São Paulo, faz um relato descritivo sobre suas experiências com histórias em quadrinhos europeias, em seu discurso elogioso à publicação de uma matéria sobre o tema pelo periódico, como podemos ver na página 13 da supracitada edição.

<sup>9</sup> *Tribuna da Imprensa*, n. 463, p. 10.



perseguição aos quadrinhos através do debate midiático se faz com alvoroço no cenário brasileiro, e importam dos Estados Unidos os discursos de Fredric Wertham para legitimá-lo a ponto de guiar o Estado (LIMA, 2022, p. 352-353).

O cruzamento de fontes é fundamental para fortalecer uma análise crítica sobre o contexto recortado e a produção de um texto historiográfico. Para uma eficaz História Problema a ser tratada, os registros produzidos pelo cotidiano são imprescindíveis (LUCA 2020, p. 44). Aqui se vale, também, de uma filtragem de método quantitativo de estatística e frequência léxica (PROST, 2003, p. 299-300). Na página 10 do periódico supracitado, ainda que não assumida a autoria, é registrado que: “Em quase todas as histórias publicadas, as heroínas, criminosas ou vítimas de criminosos, vestem-se com trajes reduzidos ou vivem permanentemente descompostas”. Confirmando parte dessa recepção visual latente da imagem da Pantera Loura, e a obcecada exposição: “A heroína semi-nua e seus companheiros, um rapaz semi-nu, um médico bêbado chamado Whisky, uma tribo de nativos semi-nus, um orangotango semi-humano, um elefante amestrado e todos os animais da selva de Bornéu” compõem um panteão de agentes da erotização e da violência, descrevendo cenas para sua compulsiva crítica pela moralização da leitura “no sentido de defender a criança brasileira deste envenenamento progressivo, sistemático e frio do seu espírito”<sup>10</sup>.

Comparada aos outros personagens de histórias em quadrinhos, a Pantera Loura teve uma vida curta, mas intensa, tanto em sua terra natal, a Itália, quanto no Brasil. Ficou no imaginário ocidental como sinônimo de audácia feminina, tangente às impurezas sociais, como uma criminosa estadunidense<sup>11</sup>, ou na vítima homossexual de um atropelamento<sup>12</sup>, e de inúmeras mulheres que ganham destaques por razões diversas na mídia, de Silvia Amélia Chagas à Xuxa<sup>13</sup>.

A representação extrapolou os limites que lhes eram dados pelos quadros e páginas, ganhando lugar na memória visual (POLLAK, 1992, p. 215) socializada e promovendo o

<sup>10</sup> Citações da página 10 da Tribuna de Imprensa de número 463.

<sup>11</sup> O caso da condenação em 199 anos de prisão de Miss Eleanor Yarman, a “Pantera Loura”, relatado na matéria da página 33 da revista carioca *Careta* em sua edição de número 2417, datada de 23 de outubro de 1954.

<sup>12</sup> Com sensacionalismo de exposição, o caso de atropelamento de Nelson Carneiro dos Santos, de 35 anos, é descrito por detalhamento muito mais sobre singularidade que envolvem sua vida privada que, de fato, pelo ocorrido. A matéria invoca a curiosidade sobre seus “nomes de guerra”: “Um violento: ‘Pantera Loura’. Outro Suave: ‘Rosinha’. E assim vai o rapaz gozando a vida que sempre desejou”, em “local escuro” com “outro sujeito” em “postura suspeita”, antes do acidente. Há um erro na página do jornal que confunde os títulos dos textos, mas que o caso dele corresponde à matéria “‘Pantera Loura’ surpreendido na escuridão”, na página 9 da edição 180 do jornal *Gazeta de Notícias* de 10 de agosto de 1954.

<sup>13</sup> Como em muitas edições da revista *Manchete*, trazendo as mulheres poderosas da *High Society* e, posteriormente, as musas brancas e loiras dos carnavais.



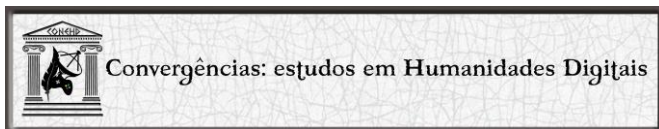
debate sobre erotização do produto no contexto de final da primeira metade do século XX no cenário sociocultural italiano e suas interferências no cenário sociocultural brasileiro, por conseguinte, na política de gênero desses espaços de produção e consumo. Neste ponto, a história em quadrinhos é objeto do passado e fonte de informações sobre esse passado, devidamente trabalhada por teorias e metodologias consistentes a lhe garantir o trato historiográfico.

Não se esgotam aqui as possibilidades analíticas sobre as histórias em quadrinhos da Pantera Loura. O recorte pontual nos permite um debate rico sobre questões latentes e a prática segura de uma historiografia eficiente pela metodologia eleita, ofertada por um campo científico enriquecido de sofisticação pela interdisciplinaridade. Esse primeiro (re)encontro com a Pantera Loura, assegura-nos de práticas teórico-metodológicas possíveis à História Problema (GURIÊVITCH, 2003, p. 260), contra a precariedade dos discursos de legitimação do fazer historiográfico na armação cambaleante de sustentação qualitativa de dado discurso por legitimidade do objeto-fonte. Não basta sê-lo. Ainda que com isso se ganhe aplausos de um júri leigo, pelos louros do capital social de nicho, a escrita em História exige um respeito e um carinho mais justos.

## **Conclusão**

Optou-se a este trabalho o exercício teórico-didático de exemplificação de prática de pesquisa na área de História através das histórias em quadrinhos enquanto objeto-fonte. Compreendendo que os discursos públicos podem muitas vezes retroalimentar imprecisões que causam confusão e não produzem o debate franco e crítico sobre os produtos narrativos que tenham ou não os alicerces seguros da técnica, do método. A personagem Pantera Loura é a parceira de dança ideal para demonstrar passos seguros para diferenciar rudes espasmos de um bailar consciente.

A própria historiografia, em sua trajetória de ciência e arte, conquistou aperfeiçoamentos à medida que superava dificuldades que lhes eram impostas. A crítica interna e externa sempre lhe foram incentivos valiosos para seu crescimento, parte de seu processo histórico próprio e constitutivo dos paradigmas transicionais. Por isso, “não podem deixar de acarretar toda uma série de consequências metodológicas essencialmente importantes quer para a própria Ciência Histórica, quer para as ciências sociais em seu conjunto” (GURIÊVITCH, 2003, p. XIII). A mera idolatria do objeto-fonte enquanto legítimo



não consegue sustentar qualquer narrativa carente de teoria-metodologia a que se preze chamar-se História. A dança-aula alegremente compartilhada com a Pantera Loura, é um convite à lucidez e à coragem de enfrentar o desafio do exercício historiográfico com as histórias em quadrinhos e seu entorno, para além da coleta e amostra de dados numerosos em páginas numerosas.

É interessante que alguns esforços existam para se construir uma narrativa linear com dados simples sobre a historicidade de um objeto como as histórias em quadrinhos. Tem-se exemplos disso, que possuem ao menos a eficácia de mapeamento de dados, como é o caso do livro *História das Histórias em Quadrinhos*, do jornalista Álvaro de Moya, o permite um vislumbre amplo, porém superficial, sobre o que o título propõe. Mas justamente por ser uma viagem ilustrativa para um cenário de mercado em 1987, ele atenda uma demanda como produto e não cumpra requisitos suficientes para que se sustente seu título de “História”, a não ser para uma tipologia historiográfica factual (LUCA, 2020, p. 36), de presunção metodológica positivista (GURIÊVITCH, 2003, p. xix), teoria da História se não em desuso, ao menos limitada a uma etapa primária da operação historiográfica.

Assumir conscientemente o esforço metódico do fazer historiográfico é respeitar os parâmetros construídos e compartilhados entre os pares. Quer se confronte certezas ou se questione posturas, através de métodos, tudo isso tem por sentido o compromisso social de crítica e transformação da realidade. Assim, “as escolhas teóricas, ao produzirem novos mundos históricos, constituem portanto uma grande responsabilidade social dos historiadores” (BARROS, 2017, p. 78), não devendo ser menosprezadas sequer pelo mais mercadológico dos empreendimentos que queira, quiçá, sustentar-se pelo conceito-valor de “História”. A isso o fazer e o pôr à prova, entre os pares, é mais corajoso, valioso e seguro de que qualquer declaração fugaz.

## Referências

- ARAÚJO, Alcione. **Ventania**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2011.
- BARROS, José d’Assunção. **Teoria e Formação do Historiador**. Editora Vozes, Petrópolis, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência: Por uma Sociologia Clínica do Campo Científico**. Editora UNESP, São Paulo, 2004.



BURKE, Peter. **A Escola dos Annales – 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. 2ª edição. Editora UNESP, São Paulo, 1992.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. **O Sociólogo & O Historiador**. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2011.

FOSSATI, Franco. **I Grandi Eroi del Fumetto**. Editora Garamond, 1990.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Editora L&PM, Porto Alegre, 2011.

GURIÊVITCH, Aaron. **A Síntese Histórica e a Escola dos Anais**. Coleção História – Estudos. Editora Perspectiva, São Paulo, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Edições 70, Lisboa, 2007.

KNAUSS, Paulo. O Desafio de Fazer História com Imagens: Arte e Cultura Visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, 2006.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: Saberes Coloniais e Eurocentrismo. In: LANDER, Adgardo. **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas Latino-Americanas**. Clacso, Buenos Aires, 2005.

LIMA, Sávio Queiroz. A Abordagem Epistemológica das Histórias em Quadrinhos Enquanto Objeto-Fonte. In: **Anais Congresso Internacional da Faculdade EST**, volume 2, pp. 1814-1828, 2014. Acessado em 26 de janeiro de 2023. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/328/314>.

LIMA, Savio Queiroz. *Histórias em Quadrinhos e Juventude*. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História dos Jovens no Brasil*. Editora Unesp, São Paulo, 2022.

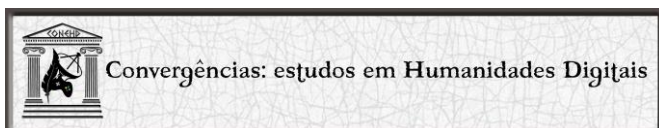
LIMA, Savio Queiroz. Pesquisando História nos Quadrinhos: A Pesquisa de Quadrinhos na História e de História nos Quadrinhos. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Marcio dos Santos (orgs). **Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar. Ensaios Acadêmicos** (publicação eletrônica), volume 1, ASPAS, Leopoldina, 2015. Acessado em 26 de janeiro de 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/12142177/Arte\\_sequencial\\_em\\_perspectiva\\_multidisciplinar](https://www.academia.edu/12142177/Arte_sequencial_em_perspectiva_multidisciplinar)

LUCA, Tania Regina de. **Prática de Pesquisa em História**. Coleção História na Universidade. Editora Contexto, São Paulo, 2020.

MOYA, Álvaro de. **História das Histórias em Quadrinhos**. 2ª Edição. Editora Brasiliense, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao Quadrado – As Representações Femininas nos Quadrinhos Norte-Americanos: Permanências e Ressonâncias (1895-1990)**. Editora UNB, Brasília, 2007.





- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, volume 5, número 10, Rio de Janeiro, 1992.
- PROST, Antoine. *As Palavras*. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2ª edição. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2003.
- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica – Teoria da História**: Os Fundamentos da Ciência Histórica. Editora UNB, Finatec, Brasília, 2001.
- SOTERO Saoara Barbosa Costa; LIMA, Savio Queiroz. Erotismo ou Pornografia? Imprecisas Fronteiras das Sexualidades Regradas e Desregradas através de Histórias em Quadrinhos. In: **Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades - V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, volume 1, 2017. Acessado em 27 de janeiro de 2023. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA16\\_ID1184\\_16072017210606.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1184_16072017210606.pdf).